



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

MARIA TAIZE TAVARES HENRIQUE

**INFÂNCIA E CULTURA NORDESTINA NO ROMANCE *MENINO DE ENGENHO*,
DE JOSÉ LINS DO REGO**

**CAMPINA GRANDE - PB
JULHO DE 2022**

MARIA TAIZE TAVARES HENRIQUE

**INFÂNCIA E CULTURA NORDESTINA NO ROMANCE *MENINO DE ENGENHO*,
DE JOSÉ LINS DO REGO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras - Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Maria Soares de Queiroz

**CAMPINA GRANDE
JULHO DE 2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

H518i Henrique, Maria Taize Tavares.
Infância e cultura nordestina no romance Menino de engenho, de José Lins do Rego [manuscrito] / Maria Taize Tavares Henrique. - 2022.
23 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."
1. Infância. 2. Cultura nordestina brasileira. 3. Romance. 4. Relações sociais. 5. Literatura brasileira. I. Título
21. ed. CDD B869.3

MARIA TAIZE TAVARES HENRIQUE

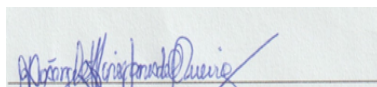
CULTURA NORDESTINA NO ROMANCE *MENINO DE ENGENHO*, DE JOSÉ LINS DO REGO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras - Português.

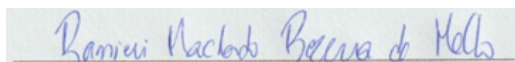
Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 01/08/2022.

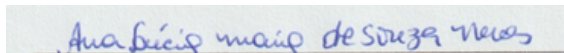
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz. (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Ranieri Machado Bezerra de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, José Edvaldo, e ao meu marido,
José Ricardo, pela lealdade, companheirismo e
alicerce, DEDICO.

“Não fui eu que te ordenei? Sê forte e corajoso!
Não te apavores, nem desanimes, pois o Senhor,
teu Deus, estará contigo por onde andares”.

Josué, 1:9

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
2.1	A INFÂNCIA NAS LEITURAS DE MENINO DE ENGENHO	09
2.2	O AMBIENTE	14
2.3	AS RELAÇÕES INTERPRESSOAIS	17
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
5	CONCLUSÃO	17
	REFERÊNCIAS	19

**INFÂNCIA E CULTURA NORDESTINA NO ROMANCE *MENINO DE ENGENHO*,
DE JOSÉ LINS DO RÊGO**

**CHILDHOOD AND NORTHEAST CULTURE IN THE NOVEL *PLANTATION BOY*,
BY JOSÉ LINS DO RÊGO**

Maria Taize Tavares Henrique¹

RESUMO

As histórias do Folclore brasileiro, as crenças populares, os costumes e características da vida da Região Nordeste consistem num elemento essencial de identificação estética e cultural, presente no romance *Menino de Engenho* (1932), do escritor paraibano José Lins do Rêgo. A narrativa marca a passagem da significativa mudança ocorrida na vida do narrador-protagonista de quatro anos de idade, Carlos. Da cidade para o engenho, da instabilidade familiar para um sistema rígido e sólido de regras e hierarquia, presente e atuante em todos os aspectos da rotina diária, Carlos vê-se diante de um novo mundo a ser descoberto, compreendido e conquistado. Dessa forma, o objetivo deste artigo é propor uma leitura da obra, tendo como pano de fundo a experiência da infância, moldada por um conjunto de características culturais que informam o ambiente social local. Na ficção de José Lins do Rêgo, o caráter assimétrico das relações sociais torna-se nítido, seja entre Carlos e os outros meninos do engenho, pobres e negros, seja entre seu avô, a família e os trabalhadores, para quem simbolizava ordem, autoridade, sustentação e poder. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e qualitativa sobre o tema, evidenciando a infância do protagonista como processo abrangente de aprendizagem que teve lugar, de forma integrativa, no ambiente doméstico, ao ar livre, nas escolas e no colégio, por intermédio dos mais variados agentes. Por fim, concluiu-se que o romance representa uma importante fonte sócio-histórica de (re)conhecimento, uma vez que documenta, da perspectiva infantil, a vida e os desafios de um engenho de açúcar nordestino brasileiro no início do século XX. O processo de socialização de Carlos com os outros meninos do engenho evidenciou, na cultura das relações sociais da infância, uma reprodução do tecido geral das relações sociais no qual os seus participantes estão inseridos.

Palavras-chave: Infância. Cultura Nordestina Brasileira. Romance. Relações sociais

ABSTRACT

The stories of Brazilian folklore, its popular beliefs, uses and characteristics of Brazilian Northeast Region consist of an essential element for cultural and aesthetic identification present in the novel *Plantation Boy* (1932), by the paraibano writer José Lins do Rêgo. The narrative marks the significant change occurred in the life of four-year-old narrator-protagonist Carlos. From the city to the plantation, from family instability to a solid and rigid system of rules and hierarchy pervading all aspects of daily routine, Carlos is faced with a new world to be discovered, understood and conquered. Thus, this article aims to propose a reading of the novel, having as a background childhood experience shaped by a set of cultural characteristics that info the local social environment. In the fiction of José Lins do Rêgo's, the asymmetrical character of social relations becomes clear, whether between Carlos and the

other poor and colored plantation kids, or between his grandfather, the family, and the workers, for whom he symbolized order, authority, sustenance and power. Qualitative bibliographic research was carried out on the topic, highlighting the protagonist's childhood as a comprehensive learning process that took place, in an integrative way, in the domestic environment, outdoors, in schools and in high school, through the most varied agents. Finally, it was concluded that the novel represents an important socio-historical source of self-recognition, since it documents from child perspective the life and challenges of a sugar plantation in Northeast Brazil at the beginning of the 20th century. The process of socialization between Carlos and the other boys on the plantation showed, in the culture of childhood social relationships, a reproduction of the general fabric of social relationships in which its participants are inserted.

Keywords: Childhood. Brazilian Northeast Culture. Novel. Social relationships.

1. INTRODUÇÃO

Menino de engenho é o primeiro livro publicado pelo escritor paraibano José Lins do Rego, em 1932, em Maceió- AL, determinado pelo próprio autor como o romance que abre o chamado "ciclo da cana-de-açúcar". A definição dessa obra literária para a análise neste trabalho deu-se em razão de que, por ser o primeiro livro publicado por José Lins, o romance permite constatar como os temas trabalhados pelo autor, ao longo do ciclo da cana-de-açúcar, são desenvolvidos. Além disso, o narrador autodiegético, ou seja, em primeira pessoa, reúne suas recordações de infância e retrata a situação histórico-social da região nordestina como dado de experiência, o que confere legitimidade e alto potencial catártico ao relato.

No Brasil, a década de 1930 foi um período de profundas mudanças políticas e econômicas, aliadas a um intensivo projeto de modernização e industrialização, tanto no setor urbano quanto no rural, mas que não produziram grandes transformações na estrutura social. Devido a isso, não foram vistas com grandes expectativas pelos escritores inseridos nesse contexto histórico, considerando que, nas zonas rurais ou distantes dos grandes centros, as mudanças culturais dali advindas encontram maior resistência em estabelecer-se, vencendo parâmetros firmemente assentados, determinando as bases das relações sociais. Segundo José Ortega y Gasset, em *A desumanização da arte* (1999), a cultura consiste no sistema de ideias vivas que cada época possui, a partir das quais o tempo transcorre, sendo inevitável que nele se insiram, com as devidas variações de tempo e espaço, os grupos humanos. A cultura, nesse sentido constitui-se a partir de um conjunto de ideias determinadas, como uma espécie de chão que apoia a existência humana.

Através das imagens do interior paraibano, *Menino de Engenho* retrata o nordeste brasileiro, cujo ambiente político, econômico e social girava em torno da vida nos engenhos (patrões e empregados), nas fazendas de gado e no centro das pequenas cidades (igreja, delegacia, bar e mercearia) - *flashes* de uma sociedade rural, com paisagens específicas da região como o carro de boi, as estradas de terra, a desolação da caatinga e o campo.

Nesse contexto, o foco narrativo de *Menino de Engenho* transmite, do início ao fim, a tentativa de representar a infância no engenho e a realidade imediata presente nos elementos culturais que informavam a vida no Nordeste brasileiro da época. Podemos perceber, por meio de leituras sobre a escrita de José Lins do Rêgo, que ele demonstra, por meio da sua narrativa, sentimentos e experiências pessoais de forma espontânea, seguindo o roteiro de sua própria vida, descrevendo cenas de infância e também de sua adolescência, que constituem fatos de grande importância para compreender o conjunto de sua obra literária. Não apenas isso, mas

também para o menino quase invisível registrar e compreender a própria experiência no grande mosaico da sociedade e da existência

O narrador-protagonista, Carlinhos, conta as peripécias de sua infância no Engenho Santa Rosa, propriedade do avô materno, o Coronel José Paulino, onde conhece um mundo completamente novo. Num contexto político e econômico que traria grandes repercussões sociais, a narrativa registra a decadência dos engenhos de açúcar, dando ascensão às usinas. Com esse pano de fundo, o narrador mostra a realidade da época, da vida das pessoas que viviam nessa sociedade. Adota, em seu relato, um ar saudosista, apresentando o ambiente a partir de memórias da própria infância e de observações daquela época e ambiente que faz, agora como adulto. Que são essas observações? São análises que ele faz como adulto daquilo que não via/percebia quando criança. Um exemplo disso está na cena da cheia do rio Paraíba, “uma festa” (p.42) para Carlos, os primos e os moleques, mas um drama para os pobres da região e um desafio para os homens de autoridade, que, sob o comando do Coronel, José Paulino, improvisavam resgates, relocavam famílias precariamente, distribuíam comida. A visão do narrador adulto, amadurecida, analisa a tragédia em sentido contrário ao das vítimas do passado: “– O que vale é a saúde e a proteção de Deus – diziam sempre. Mas, coitados, com que saúde e com que Deus estavam eles contando!” (p.44). São aspectos como esse que o trabalho se propõe a examinar.

Quanto à prosa, esteticamente falando, o regionalismo, com o “romance de 30”, adquire nova e importante expressão, focalizando principalmente o Nordeste, a seca, a miséria e as estruturas de poder de uma região marcada não somente pelas características da paisagem física, mas também pela forma de estruturação e atuação do poder das elites sobre os menos favorecidos.

O tema da infância e da cultura regional constitui o eixo central do desenvolvimento deste trabalho, atentando, principalmente, às relações assimétricas de “poder” entre Carlinhos, neto do dono do engenho Santa Rosa, e os *moleques*, ou seja, os filhos dos empregados negros da propriedade, aos quais se aludia como os “moleques da bagaceira”. Para delinear esse quadro, são fundamentais as histórias narradas por suas tias Sinhazinha e Maria, marcantes pela vida afora de Carlinhos, assim como as brincadeiras no pomar, senzala e casa-grande, proporcionadoras de influências definitivas na personalidade em formação.

Sendo assim, como diz MAIA (2012, P:135), “Sem dúvidas, confinar a imaginação e a autoria das crianças é o início da destituição das infâncias e sua inteireza. A história pessoal e da própria humanidade nos ensina muito sobre isso, que aprendamos com esses registros, fatos e ensinamentos”. Dessa forma, possibilita compreender que na infância estamos em constante aprendizado.

Portanto, o objetivo desse trabalho é fazer uma leitura do romance “*Menino de Engenho*”, tendo como análise a infância e sua representação no ambiente local, que também pode ser caracterizado com diálogo entre as personagens, com palavras do vocabulário regional paraibano. Contudo, por meio das próprias brincadeiras traçadas e ditadas pelo “pequeno senhor de engenho”, fica evidente a precoce disposição para o mando sobre os também “pequenos”, só que filhos dos escravos. A ideia de servidão neste mundo infantil tem várias fases, começando com as maldades, sempre descobertas, mas nunca punidas nas brincadeiras.

Para a realização deste artigo, foram feitas as seguintes ações metodológicas: inicialmente, leituras do romance *Menino de Engenho* (2012) para coleta de dados, seguida de uma pesquisa em sites da internet, com consulta a artigos que discutem a obra, a exemplo de SOUZA, MENDONÇA (2013), SILVA (2019), SOUZA (2017), entre outros. Assim, pretende-se apreender a realidade social pensada neste texto literário, de modo a encontrar caminhos possíveis para resgatar o ideário de infância no contexto e período histórico retratados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A INFÂNCIA NAS LEITURAS DE MENINO DE ENGENHO

Na Idade Média, as crianças eram vistas como adultas. Participavam das mesmas atividades dos seus pais, inclusive trabalhando na lavoura e nos cuidados domésticos. Praticamente não tinham momentos de diversão e lazer; assim, a infância era colocada em segundo plano:

[...] concepções sobre infância como período de insignificância, como um tempo de aprender para ser logo um adulto civilizado e da criança como um ser que não precisava ser ouvido, fazem parte do nosso imaginário social. Na mentalidade da maioria dos adultos a criança é um ser que pouco ou nada tem a dizer. (REDIM apud MAIA 2012, p.25).

No entanto, na infância, todos os fatores da experiência influenciam o aprendizado e o desenvolvimento do ser humano. Considerando que as condições de vida no período medieval eram extremamente duras, sobretudo para os pobres, a família, com todos os atributos e trabalhos a ela ligados socialmente, constituía-se no principal ponto de apoio para um jovem, tendo sobrevivido à infância, se tornar adulto rapidamente. Sendo assim, é possível perceber que Carlos, crescendo em um ambiente que, por sua cultura, traz vários pontos em comum com aquele período histórico, desfruta, por outro lado, sobretudo em decorrência de sua condição afortunada, de muito afeto e diversão.

Segundo (SOUZA E MENDOÇA, 2013), quando a instituição da infância se iniciou, a situação da criança começou a mudar na sociedade. Primeiro, meninos e meninas foram nomeados de filhos. Surgiu, em seguida, a teoria da inocência da criança, que deveria ser protegida da realidade adulta. Os fatos do nascimento, da morte, do sexo, da tragédia, dos eventos mundiais alheios à vida infantil passaram a ser escondidos da criança. Além disso, a nova educação segregou-a cada vez mais por idade; o próprio fato de estar inserida numa faixa etária tornou-se importante.

Então, destacando o exposto acima, o livro *Menino De Engenho* narra a história de um menino chamado Carlos de Melo, órfão de mãe, que, aos 4 anos de idade, vai viver com o avô, o coronel José Paulino, no Engenho Santa Rosa. O foco narrativo confere ao romance um exame do fato narrado caracterizado por um acentuado distanciamento temporal e psicológico, tendo em vista que Carlos, o narrador, já está na idade adulta e relata como adulto os eventos por ele vividos na perspectiva da criança que ele foi, órfã de mãe que foi assassinada pelo pai demente.

Segundo a perspectiva infantil, Carlos presenciou o que aconteceu com seus pais. A família de Carlos passa a considerar seu pai como alguém sobre quem é proibido falar. Somente posteriormente, Carlos vem a saber que seu pai, dez anos depois do crime, viera a morrer, não no presídio para onde fora, mas numa casa de saúde, vitimado por uma paralisia geral. A família tenta amenizar a tragédia e superprotege o menino, que cresce entre tantos cuidados que mais se assemelha a um doente, embora com a liberdade de crescer brincando com seus primos e os “moleques da Bagaceira”. Assim, ele demonstra alguns elementos importantes:

[...] a morte de minha mãe me encheu a vida inteira de uma melancolia desesperada [...]. Pensava sempre em minha mãe diante de qualquer coisa triste. Esta lembrança vinha-me acompanhando em todos os caminhos de minha sensibilidade em formação” (REGO, 1994, p. 07).

No desenvolvimento natural da infância, Carlos passa por angústias, tanto quanto por brincadeiras como pontua na narrativa. Possuía constante interação com os demais moleques que moravam no engenho. Tais sujeitos eram seus companheiros de travessuras na senzala e casa-grande e tinham muito mais experiências do que o Narrador, razão pela qual dominavam os folguedos:

[...] o interessante era que nós, os da casa-grande, andávamos atrás dos moleques. Eles nos dirigiam, mandavam mesmo em todas as nossas brincadeiras, porque sabiam nadar como peixes, andavam a cavalo de todo jeito [...] tudo eles sabiam fazer melhor do que a gente; soltar papagaio, brincar de pião, jogar castanha. Só não sabiam ler. Mas isto, para nós, não parecia grande coisa [...] (REGO, 1994, p. 55).

Percebe-se que a subjetividade de Carlos começa a se esboçar enquanto narra a sua trajetória. O desenvolvimento da infância, com suas angústias, suas brincadeiras e seus desafios, pode ser claramente percebido em *Menino de Engenho*. Como o próprio nome *engenho* sugere, além da já conhecida moenda de cana-de-açúcar, podemos dele extrair o significado de invenção, talento, associado à infância, representada na figura do menino com suas criações e travessuras (SOUZA E MENDOÇA, 2013).

Em sua nova casa, que passa a ser o Engenho Santa Rosa, o menino distante do mundo urbano dos pais, transitando no mundo dos moleques e da casa-grande, irá formar uma nova imagem da infância, na qual a presença desses elementos serão parte significativa da marca do adulto. Quando Carlinhos chega a Santa Rosa, um mundo de oportunidades se levanta diante de sua vida. As primeiras brincadeiras no pomar do engenho são os sinais de como é sua nova vida na fazenda:

Os moleques estavam me esperando, mas não se aproximavam de mim. Desconfiados, eles olhavam para o meu pijama, para os meus alamares, encantados, com a minha roupa. Porém aos poucos foram se chegando, que pela tarde já estavam de intimidade. E fomos à horta para tirar goiabas e jambos. O que chamavam de horta era um grande pomar. Muito de minha infância eu iria viver por ali, por debaixo daquelas laranjeiras e jaqueiras gordonas (REGO, 2005, p. 58)

Por último, para finalizar este item, que trata da concepção de infância em *Menino de Engenho*, SILVA (2019) faz algumas considerações a partir dos aspectos citados anteriormente. A primeira delas se refere ao ambiente da infância e sua importância para a vida infantil. O narrador adulto se refere a esse ambiente novo para ele, enquanto criança, com o afastamento de olhar característico dos adultos, remetendo, porém, a uma experiência bastante significativa, tanto no passado como no presente:

Eu tinha sido criado num primeiro andar. Todo o meu conhecimento do campo fizera-o nuns passeios de bonde a Dois Irmãos. E era com olhos de deslumbrado que olhava então aqueles sítios, aquelas mangueiras e os meninos que via brincando por ali. As divergências de meu pai com meu avô nunca permitiram à minha mãe fazer uma temporada no engenho. Minha imaginação vivia assim a criar esse mundo maravilhoso que eu não conhecia (REGO, 1994, p. 11).

Como a narrativa apresenta, a vida do protagonista, desenrolando-se através de mudanças radicais e acontecidas em curto espaço de tempo, encontra na mudança dos ambientes um fator fundamental para o desenvolvimento da psique até a fase adulta. Do primeiro andar apertado, na cidade, para a liberdade da casa grande do engenho, bem como dos espaços naturais abertos, palcos das brincadeiras, da nova rotina, do início aos estudos, dos primeiros contatos com a hierarquia familiar em seus vários níveis (primos, tias, tios e, no

topo, o avô), Carlos inicia-se gradualmente na vida do círculo social no qual se integrará de forma cada vez mais efetiva, seguindo os padrões de sua classe social, desde a vida doméstica até a primeira experiência social, a ida para o colégio e o conseqüente ingresso na vida adulta. O engenho, tão rico em experiências existenciais formadoras da personalidade, fica então como saudade, além de lição do passado a ser revisitada. Dessa forma, ainda de acordo com SILVA (2019), a infância pode ser mais bem vivida, mais bem trabalhada pelas crianças. É possível que agindo assim, tenhamos adultos menos problemáticos, menos instáveis psicologicamente e mais dispostos ao trabalho do dia a dia, mais crentes ou cientes na utopia.

A segunda das considerações de SILVA(2019) refere-se ao fato de que é necessário ter clareza e consciência de que não existe uma forma única de ser criança ou uma infância universal para poder olhar os sujeitos que corporificam essa categoria e suas múltiplas formas de vivê-la, indo além dos conceitos sedimentados em nosso meio social. Não existe, em outras palavras, um modelo ideal de infância, mas pode-se dizer que ela segue, dadas as devidas proporções, o mesmo movimento das relações sociais entre os adultos. Portanto, não há de se esquecer que:

[...] Depois mandaram-me para a aula dum outro professor, com outros meninos, todos de gente pobre. Havia para mim um regime de exceção. Não brigavam comigo. Existia um copo separado para eu beber água e um tamborete de palhinha para o neto do coronel Zé Paulino. Os outros meninos sentavam-se em caixões de gás. Nas sabatinas nunca levei um bolo, mas quando acertava, mandavam que desse nos meus competidores. (REGO, 2012, p. 55).

Então, percebe-se que Carlos é uma criança de família nobre, e que entende suas melhores condições de possuir brinquedos, ter roupas de boa qualidade e ganhar tudo que pede dos seus familiares. Mas, por outro lado, as outras crianças não possuem os mesmos direitos, por serem filhos de escravos, mesmo estando sempre juntos brincando por todo o engenho. Na nova escola, Carlos aprende também a conhecer o seu lugar como neto do Coronel José Paulino; só ele não toma bolos, mas pode dá-los aos outros; não recebe reprimendas, tem copo separado e banquinho privativo para sentar-se. Apesar das diferenças sociais, porém, Carlos era um menino que possuía muita criatividade e pensamentos que traduziam um grande desejo de se libertar, conhecendo a vida do engenho com vocabulário, costumes, culinária, paisagem e hábitos que queria fazer igual. Sendo assim, Carlos se torna apaixonado por tudo no engenho e todos faziam suas vontades de criança.

Brincar é muito importante para o desenvolvimento da criança; é parte integrante do estágio básico dos primeiros anos da criança e também apoia sua jornada de aprendizado. As crianças pequenas podem desenvolver muitas habilidades por meio do poder do aprendizado lúdico. Assim, em ambientes em que não havia domínio dos adultos as brincadeiras aconteciam assim:

Queríamos viver soltos, com o pé no chão e a cabeça no tempo, senhores da liberdade que os moleques gozavam a todas as horas. E eles às vezes abusavam deste poderio, da fascinação que exerciam. Pediam-nos para furtar coisas da casa grande para eles: laranjas, saptis, pedaços de queijo. Trocavam conosco os seus bодоques e os seus piões pelos gêneros que roubávamos da despensa. E nos iniciavam nas conversas sobre sexo (REGO, 1982, p.38)

Eles podem desenvolver suas habilidades de linguagem, emoções, criatividade e habilidades sociais. Brincar ajuda a nutrir a imaginação e a dar à criança um senso de aventura, como nesta passagem que se refere à Tia Sinhazinha, autora da primeira surra que Carlos tomou em sua vida:

Numa ocasião, jogando pião na calçada, o brinquedo foi cair em cima de seu pé. A velha levantou-se com uma fúria para cima de mim, e com o seu chinelo de couro encheu-me o corpo de palmadas terríveis. Bateu-me como se desse num cachorro, trincando os dentes de raiva. E se não fosse a Tia Maria que me acudisse, ela teria me despedaçado (REGO, 2005, p. 68-69).

Já as mulheres da casa eram consideradas como cuidadoras e administradoras do lar, mas, como o coronel era viúvo, esse papel foi mais diretamente representado por Tia Sinhazinha, sua irmã mais velha:

TIA SINHAZINHA era uma velha de uns sessenta anos. Irmã de minha avó, ela morava há longo tempo com o seu cunhado. Casada com um dos homens mais ricos daqueles arredores, o Dr. Quincas, do Salgadinho, vivia separada do marido desde os começos do matrimônio. Era um temperamento esquisito e turbulento. Contava-se que um dia amanhecera num engenho de seu pai, amarrada num carro de boi, com uma carta do marido fazendo voltar ao sogro a sua filha. Era ela quem tomava conta da casa do meu avô, mas com um despotismo sem entranhas. Com ela estavam as chaves da despensa, e era ela quem mandava as negras no serviço doméstico. Em tudo isso, como um tirano, meu avô, que não se casara em segundas núpcias, tinha, no entanto, esta madrasta dentro de casa. Logo que a vi pela primeira vez, com aquele rosto enrugado e aquela voz áspera, senti que qualquer coisa de ruim se aproximava de mim. Esta velha seria o tormento da minha meninice. (REGO, 1994, p. 14)

A partir da leitura da obra *Menino de Engenho*, é possível perceber como se dão as relações interpessoais e o crescimento de Carlos, na casa grande, onde aprende tudo novo como as histórias contadas pelas negras da viagem dos escravos para o Brasil, lendas de lobisomem; tudo vai marcando sua infância, até a passagem para a adolescência, quando então, de acordo com o modelo mental para ele vigente, aprenderá a ser um homem, de caráter, justo e bondoso, ajudando a quem precisa, assim como faz o seu avô, o Coronel José Paulino.

Assim, Carlos relata como tem um carinho enorme pelas negras da casa grande:

A velha Totonha de quando em vez batia no engenho [...]. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem nem um dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras. (Rego, 2018, p. 37)

Nesse sentido, é possível constatar na obra, que Carlos ao chegar no engenho, é bem ingênuo, sincero, doce e obediente, mas, quando inicia suas brincadeiras com os moleques, aprende as travessuras e traquinagens que não conhecia. Além disso, Carlos reclama que não é livre como os filhos das negras, que andam descalços, sentindo inveja da liberdade infinitamente maior que eles tinham, pois, as crianças negras estavam presentes em todos os lugares; não por acaso, pois também tinham que cumprir alguma atividade, seja limpar as máquinas, cuidar do gado ou até mesmo retirar o bagaço da cana. Eram responsáveis pelo trabalho menor, mas interminável no engenho, diferentemente de Carlos, que era cuidado pelas criadas.

A vivência de Carlinhos com os primos evidencia outra condição imposta aos sujeitos do interior como diferentes dos outros, ficando implícito nesta passagem da fala da tia Maria: “— Você está um negro — me disse tia Maria. — Chegou tão alvo, e nem parece gente branca. Isto faz mal.” (REGO, 2003, p. 14). Endentemos que o neto de Zé Paulino, proprietário das terras, recebia cuidados diferentes porque o seu destino era diferente dos

demais: quando se tornasse rapaz, ao contrário dos filhos dos escravos, seus companheiros de infância, que continuariam no pesado trabalho da terra, iria estudar na capital para ter uma boa profissão.

“A Tia Sinhazinha me chamou para perto dela, e passou a mão pela cabeça, me agradando. Era a primeira vez que eu sentia um afago da velha. – Você, no mês que entra, vai para o colégio.” (REGO, 2018, p. 37). A Tia Sinhazinha, demonstrando orgulho e até um certo carinho pelo menino que cresce sob os seus olhos, afirma, por seus atos que o reconhece como um dos seus, como um igual, que percorre o mesmo caminho dos antepassados, agora sob sua supervisão, juntamente com os demais membros da família. Posto isto, é nítido que Carlos faz parte da classe que tinha os direitos e os privilégios, que eram os brancos. Porém, as crianças do engenho tinham a educação ofertada por José Paulino, cuja função era a de formar esses jovens para serem trabalhadores da agricultura; isto significa que seriam sempre pobres e subalternos, vivendo a serviço do dono das terras.

Conforme (JASMINE, 2020) um outro aspecto a ser destacado é o cenário histórico pós-escravidão, trazendo consigo um quadro de recessão econômica que ocasionou o surgimento do trabalho por comida, moradia e proteção. No contexto da narrativa, o Coronel José Paulino, avô de Carlinhos é considerado um homem de confiança e justo, cuja liderança tem a lealdade de todos da região, chegando a exercer o papel de agente da justiça, com atribuições muitas vezes postas em prática de castigar a quem desafia o cumprimento das leis, tornando-se prejudicial para o convívio social. É preciso perceber, porém, que o entendimento do Coronel a respeito da lei a ser cumprida é subjetivo e moldado pela tradição. Assim é que o negro Chico Pereira, acusado de desonrar a mulata Maria Pia, chegou a ir para o tronco, mesmo não sendo mais escravo, segundo a lei:

O meu avô mandou botar o cabra no tronco. E nós fomos vê-lo, estendido no chão, com o pé metido no furo do suplício. Raramente eu tinha visto gente no tronco. Somente um negro ladrão de cavalos ficara ali até que chegassem os soldados da vila, que o levaram. Agora, porém, Chico Pereira estava lá, com os pés no buraco redondo. (REGO, 2018, p. 64).

Como se pode notar, os senhores donos de terras ainda tinham poder para aplicar castigos corporais aos negros, mesmo após a Abolição Essa punição a propósito, foi injusta, pois Chico Pereira realmente era inocente da falta que lhe imputavam; o culpado era o Senhor Juca, o “Tio Juca”, filho do Coronel José Paulino. Entretanto, este permaneceu omissivo, colocando em primeiro lugar questões de hierarquia e de família. De resto, eram mais do que comuns as relações íntimas entre os patrões, seus filhos, seus amigos, seus feitores e demais empregados brancos com as negras escravas – Gilberto Freyre afirma, em *Casa Grande e Senzala*, que os terreiros das fazendas e engenhos eram cheios de pequenos mestiços e mestiças, que cresciam nas propriedades, trabalhavam e brincavam com as crianças da casa grande. O Coronel seguiu o modelo anterior, que compreende e no qual foi criado. O narrador denuncia, em seu discurso, a estrutura tradicional da família burguesa – que é a base do sistema social e político da região –, leniente para com os seus que cometem qualquer ato ilícito, mas seletivamente rígido em relação à moral e aos bons costumes quando disso pode fazer uso político, em demonstrações de força e poder.

Carlinhos menino admira a postura e a autoridade do avô: quem iria discutir com um homem tão poderoso? Porém, um conflito interior já se anunciava: nas brincadeiras, queria sempre ser do ‘lado’ dos cangaceiros, que naquela época pareciam afrontar qualquer ordem estabelecida. Sempre em trânsito, seminômades; vivendo em bandos; vestindo roupas de couro curtido; cobertos de joias, armados com rifles, facas (peixeiras), punhais; e, por fim, não respeitando a polícia, eram temidos por todos e os meninos os endeusavam, vendo neles símbolos de liberdade e de coragem. No Engenho Santa Rosa, as crianças ficaram eufóricas

no dia que o cangaceiro Antônio Silvino e seu bando visitaram a casa grande. As conversas cordiais, a estadia harmônica e tranquila, bem como a “fala arrastada” do chefe do bando desapontaram Carlinhos, que esperava um confronto com um homem bruto e bravo, e não uma visita social. Passava despercebido ao menino o complicado tecido das relações sociais e políticas do seu meio. O respeito entre pessoas com poder estabelecia entre elas uma tênue linha limítrofe de atuação, costurada pela troca de favores e interesses. Na realidade, “coronelismo e cangaço andavam em harmonia simbiótica” (MANSUR, 2019, p. 8).

Portanto, os sentidos da experiência da infância e a passagem para a adolescência estão expressos na obra são de natureza formativa, educativa, uma pedagogia da vida. Carlos, já adulto, narra a sua saudade de como era ser criança, mesmo que precocemente amadurecido pela perda da mãe. Revisita pela memória a vida no engenho, onde se diverte com as brincadeiras infantis e experimenta a rebeldia. Relembra a senzala, o trabalho no campo, o primeiro amor, sua prima, e, por fim, a descoberta do primeiro desejo sexual, com negra Luísa, com quem aprendera sobre a vida amorosa entre os casais, e que, segundo ele, fazia coisas ‘inexplicáveis’ que sujavam a sua castidade de criança. Difícil dizer se esse juízo moral partia do menino escandalizado e ao mesmo tempo hipnotizado pelo ‘pecado’, ou do adulto em conflito com sua própria história e personalidade. Este, porém, é um dos efeitos do relato de memórias.

O elemento pedagógico da experiência para Carlos, na Casa Grande, antecipa, de certa forma, a educação formal. Entre as aulas da Tia Maria, da Professora Judite e o Colégio, já na pré-adolescência, ele não se dedica de fato aos estudos, suporta-os e mal. Imerso durante anos a fio na vida rural, convivendo com pessoas que não frequentavam a escola e viviam de acordo com padrões sociais firmemente estabelecidos, tem no ambiente um fator de influência decisivo em todas as suas atitudes, inclusive no comportamento sexual.

2.2 O AMBIENTE

No regionalismo modernista, ao lado dos costumes nordestinos, sempre figura a descrição dos ambientes naturais mais hostis, a exemplo da caatinga, como forma de dar a conhecer ao leitor traços específicos da região e justificar, num certo sentido, os descaminhos da alma humana sujeita a condições tão duras. Focalizada no Nordeste, a narrativa tem na seca, na miséria e na ignorância popular o eixo da estrutura do poder, que garante liberdade de ação das elites sobre os menos favorecidos. Essas questões, porém, estavam distantes do menino Carlinhos, que encontrou no Engenho Santa Rosa um ambiente duplamente positivo: do ponto de vista físico, a beleza, a fartura e a pujança da natureza; do ponto de vista psicológico, a segurança da família, a liberdade e a amizade dos meninos, cuja lembrança o acompanhará pela vida afora. De acordo com Silva:

No caso do romance de José Lins do Rego o significado do engenho como um mundo fabuloso relacionava-se com a voz narrativa do romance de 1932. Como apontamos anteriormente, Menino de Engenho foi um texto de fortes traços memorialístico no qual um narrador em primeira pessoa descreveu sua infância no meio agrário. 2019, p: 13 APUD FREIRE, 2014, p, 182).

Após três dias da tragédia (o assassinato de sua mãe pelo seu pai, por ciúmes), o tio Juca levou Carlos para o engenho do Coronel José Paulino, o avô materno, em Santa Rosa, município de Pilar, em Pernambuco. A viagem de trem foi o seu primeiro contato

físico/sensorial, por assim dizer, com a natureza e o ambiente rural. Observava tudo pela janela: mesmo o mato, as árvores, as poças de água, itens costumeiros de qualquer paisagem rural, funcionaram para o menino como portais de entrada, limiares de um mundo totalmente novo e diferente da cidade grande:

Eu ia reparando em tudo, achando tudo novo e bonito. A estação ficava perto de um açude coberto de uma camada espessa de verdura. Os matos estavam todos verdes, e o caminho cheio de lama e de poças de água. Pela estrada estreita por nós íamos, de vez em quando atravessava boi. O meu tio me dizia que tudo era do meu avô. (REGO, 2018, P:30)

Pela descrição oferecida na narrativa, percebe-se que o Engenho Santa Rosa não se dedicava apenas à monocultura da cana-de-açúcar. Havia também plantações de algodão e criação de gado. Os bovinos serviam para o comércio, o transporte de pessoas e cargas e o para o abate. Para estas mesmas finalidades, menos para o transporte de cargas, havia também a criação de ovinos.

O clima da Região Nordeste divide-se basicamente em duas estações: o inverno, ou período das chuvas, que começa no mês de março, quando não falta, é a época do plantio, algo esplendoroso para todos os que sobrevivem da agricultura e precisam do pasto para alimentar os animais e água para as plantações e para encher rios e açudes. O verão ou estação seca, começa trazido pelos ventos de agosto. Sempre rigoroso, torna péssimas as condições de vida para os sertanejos, principalmente depois de um inverno fraco, pois a estiagem prolongada, as altas temperaturas e a escassez de água, promovem a perda da vegetação, das plantações e a morte dos animais. No romance, o rio Paraíba secava, restando água em apenas alguns pontos mais profundos do leito. Nesses locais se plantava, dava-se água aos animais, tomava-se banho e cavavam-se pequenas cacimbas, nas quais a população pobre do campo aproveitava para matar a sede. A observação desse processo foi mais uma das tantas lições que a nova vida oferecia ao menino Carlos:

O rio no verão ficava seco de se atravessar a pé enxuto. Apenas, aqui e ali, pelo seu leito, formavam-se grandes poços, que venciam a estiagem. Nestes pequenos açudes se pescava, lavavam-se os cavalos, tomava-se banho. Nas vazantes plantavam batata-doce e cavavam pequenas cacimbas para o abastecimento de gente que vinha das caatingas, andando léguas, de pote na cabeça. [...] Nas grandes secas o povo pobre vivia da água salobra e das vazantes do Paraíba. O gado vinha entreter a sua fome no capim ralo que crescia por ali. [...] arrancar as batatas e os jerimuns (REGO, 2018, p. 46).

A descrição da paisagem e ambiente local serve para o leitor poder compreender a região, os habitantes e suas necessidades, como no trecho abaixo, que descreve uma cheia do rio Paraíba durante um inverno ‘bom’:

E por onde as águas tinham passado, espelhava ao sol uma lama cor de moeda de ouro: o limo que ia fazer a fartura dos novos partidos. (...) Havia uma sombra de tristeza na gente da casa grande. Há três dias que ali não se dormia, comia-se às pressas, com o pavor da inundação. O engenho e a casa de farinha repletos de flagelados. Era a população das margens do rio, arrasada, morta de fome, se não fossem o bacalhau e a farinha seca da “fazenda”. (...) (...) e para nós era a única coisa a ver: a canoa cheia de ancoretas, e os cavalos, puxados, de corda, nadando, e a gritaria obscena do pessoal. O resto, tudo muito triste, a lama por toda parte. (REGO, 1982, pp. 66-67).

Na passagem acima, o ambiente descrito é o retrato do engenho depois de uma inundação. O lugar, que produzia a riqueza da fazenda e de seu proprietário, tornara-se, como as cidades durante as estiagens, um depósito de “flagelados”. Porém, a condição de líder da comunidade também conferia ao Coronel José Paulino a responsabilidade de coordenar o socorro aos desabrigados, de sua relocação em abrigos temporários livres das águas e de antecipar-se ao governo na distribuição de comida. É poética a relação que o narrador estabelece entre a lama e a moeda de ouro, juntando metaforicamente os significados de riqueza e decadência. Por outro lado, a cheia era menos dramática para o Coronel, pois a lama dourada compactava-se como limo, permitindo excelente base fertilizante para o solo agricultável. Dizia ele: “Gosto mais de perder com água do que com sol”. No fragmento em destaque, o narrador mostra o quanto as personagens são dependentes do Coronel e estão sujeitas às condições do meio. Nesse sentido, é emblemática a ambivalência das relações entre as classes, pois, na inundação, é o engenho que lhes serve de abrigo. A cena ganha tons de dramaticidade quando o local é caracterizado pela “gritaria obscena do pessoal” a olhar a “lama por toda parte”.

As fortes chuvas, quando atingiam o rio Paraíba, por vezes resultavam em enchentes que causavam prejuízos para o Engenho de Santa Rosa. Perdiam-se animais, colheitas, pessoas ficavam isoladas e desabrigadas pelas águas, que tomavam as suas casas. Não raro, alguém morria: “O rio subiu até a calçada da casa-grande. O velho Calixto, querendo salvar um animal, foi arrastado pela correnteza.” (REGO, 2018, p. 48).

Por fim, é possível afirmar que a própria questão social constitui um elemento fundamental na ambientação do romance No duro cenário da região, o atraso, a miséria, a ignorância, a injustiça, a fome e a morte por falta de recursos necessários à vida eram banalizadas. Os empregados não eram bem tratados e não recebiam um salário digno, mas a naturalização da realidade adversa já tomava tais circunstâncias como dados inevitáveis da existência. Assim pensava também o menino Carlos, que precisaria crescer para obter visão mais ampla:

O costume de ver todo dia esta gente na sua degradação me habituava com a sua desgraça. Nunca, menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. (REGO, 1982, p. 66).

Em virtude da influência dos costumes de seu ambiente social, o menino via, sem o menor dilema interior, os empregados do engenho como seres inferiores, aos quais se chamava “burros de carga”, pois faziam o trabalho braçal pesado e interminável. Assim, percebe-se, na transmissão dos valores da tradição para as novas gerações, a constância da diretriz que desde o período feudal determinava como naturais a distinção entre senhores e servos, a assimetria dessas posições e a aceitação das consequências delas decorrentes como contingências que podem ser amenizadas, mas não evitadas. Sem perceber, Carlinhos já aprendia a “postura do nobre” em relação aos servos da casa grande e aos moradores das terras de seu avô. (APARECIDO, 2015).

Apresentado de chofre a uma nova realidade, Carlinhos, distante das questões mencionadas, passeava e brincava com os filhos das empregadas da casa grande, conhecia todo o cenário do engenho, aprendia travessuras e regras da vida, nadava nos açudes, tomava leite no curral. Ficava impressionado com as diferenças entre o engenho e a cidade grande, inclusive em relação à forma como era tratado, pois vieram rápidas a primeira repreensão, a primeira surra (recurso ‘educativo’ amplamente comum e aceito até meados do século XX), as aulas, as lições práticas do avô e de outros mestres menos recomendáveis, como o José Guedes, que ensinava sobre sexo e prostitutas. Nesse contexto, evidencia-se, segundo Pires

(2012), o contraste entre os ambientes rural e urbano. Mesmo considerando um distanciamento temporal de quase cem anos entre o tempo em que ocorre a narrativa e os dias atuais; o distanciamento temporal e psicológico entre o narrador criança e adulto; o advento da informática e das mídias e redes sociais, tendente a uma massificação de padrões culturais, ainda se pode distinguir a diversidade cultural entre a população urbana e a do campo. Se esses aspectos ligados ao ambiente, seja ele físico ou psicológico, político ou de relacionamentos, são fundamentais ainda hoje para a constituição da personalidade, muito mais o eram para Carlos e Carlinhos.

2.3 AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

A família patriarcal, como célula-mater da sociedade e base da comunidade do engenho, gozava do respeito de todos. Como força política, distribuía o poder; da casa-grande da fazenda partiam diretrizes sociais e econômicas para toda a região dominada pelo Coronel. Ao patriarca José Paulino, chefe dessa estrutura econômica, política e familiar, cabia o poder absoluto, assim como a solidão dele decorrente, mesmo no âmbito da família, em cujo contexto acentuava-se a distância social entre pais e mães, crianças e adultos, marido e mulher, avós e netos. Como participante ativo da vida política e econômica da região, o Coronel possuía muitos trabalhadores a seu serviço, dentro e fora da casa-grande, inclusive ex-escravos, que viviam em situação limítrofe o antigo regime e a servidão. Mantinha ligações com lideranças políticas locais e com o governo estadual e federal, além de acordos e negócios com os bandos de cangaceiros, com quem mantinham política de boa vizinhança. Para ele, neste cenário de constante tensão, era vital estabelecer uma linha de sucessão forte de descendentes masculinos da família, que tinha no Tio Juca o seu continuador imediato e em Carlos uma promessa futura, um chefe em preparação.

Os filhos dessa elite, de acordo com a tradição da transmissão do poder para os mais jovens, eram, como ainda hoje são, os futuros fazendeiros e dirigentes políticos. Influentes e bem relacionados, os pais enviavam os filhos para boas universidades, no Brasil e na Europa, sobretudo em Portugal, onde buscavam o diploma de bacharel em Direito (FREYRE, 2003). Carlos, seguindo o mesmo processo, no devido tempo deixa o engenho para frequentar o colégio, dando início à educação para a vida adulta.

A narrativa em *Menino de Engenho* baseia-se na trama das relações sociais, que contribuem para o desenvolvimento e identidade de Calinhos. Entre estas relações, sem dúvida destaca-se a figura do Coronel José Paulino, seu avô e patriarca da família, líder e figura paterna cujo modelo Carlos absorveu. Para ele, o senhor de engenho temido e respeitado, toma gradativamente o lugar de pai, amado, admirado e respeitado, tido como bondoso, humilde, terno e santo, embora demonstrasse comportamento autoritário para impor respeito aos subalternos. Mais uma lição prática do Coronel José Paulino ao neto inexperiente e imaturo, possível futuro sucessor:

Meu avô levava-me sempre nas suas visitas de corregedor às terras do seu engenho. Ia ver de perto os seus moradores, fazer uma visita de senhor aos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões do seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixa; e implantar a ordem. Andávamos muito nessas suas visitas de patriarca. (REGO, 1994, p. 36)

Pelo fato de o avô deter uma posição hierárquica muito importante na comunidade, não se permitia fazer gestos de carinho em público, que eram, a propósito mal-vistos e considerados prejudiciais à educação dos meninos. Carlos já deveria começar a ser percebido pela população como futuro senhor e sua imagem já estava em construção. Para Carvalho

Filho (2000), o homem que era o patriarca no Nordeste, autoridade máxima da família e da região, era totalmente voltado para a vida pública, para o mundo da política e do trabalho.

Na relação entre avô e neto, que é crucial para que Carlos se adapte ao novo meio em que é introduzido, firma-se uma base de reciprocidade e respeito. Pela aceitação do avô, a família materna tornara-se de fato como de direito a verdadeira família de que Carlos tanto precisava, afim de fortalecer-se e esquecer o passado. Nesse sentido, o coronel influencia bastante na criação do neto.

Também se pode destacar como relações interpessoais significativas para o protagonista, as Tias Maria e Sinhazinha, opostas entre si, mas igualmente importantes. Tia Maria, irmã mais jovem de Clarice, terna como ela, substituiu a mãe de Carlos em sua memória. Tia Sinhazinha, a mais velha de todos na família, intratável, rabugenta e ranzinza, fazia as vezes de governanta e gostava de, a seu modo, distribuir ‘disciplina’:

Minha tia Maria, um anjo junto daquele demônio, não tinha poderes para resistir às suas forças e aos seus caprichos (REGO, 1994, p. 15). Tia Maria tomava conta de mim como se fosse mãe (REGO, 1994, p. 66).

O meu ódio por ela crescia dia a dia. Numa ocasião, quando eu jogava o pião na calçada, o brinquedo foi cair em cima do seu pé. A velha levantou-se como uma fúria direita a mim, e com o seu chinelo de couro encheu-me o corpo de palmadas terríveis. Bateu-me como se desse num cachorro, trincando os dentes de raiva. E se não fosse a tia Maria, que me acudiu, ela ter-me-ia despedaçado. [...] Na hora da ceia não quis ir para a mesa. Ouvi então minha tia Maria dizer indignada: — Num menino daqueles não se bate! É tão sentido! (REGO, 1994, p. 23).

Carlos dispensava um grande afeto à Tia Maria, como se ela fosse a sua mãe biológica, já que o cobria de carinhos, compreendia as suas dores e o defendia da Tia Sinhazinha. A velha Tia, devolvida pelo marido ao irmão, o Coronel, amarrada numa carroça de bois pouco tempo depois do casamento, há muito azedara por dentro. Excessivamente severa, rude, sádica até (mantinha negrinhas ao pé de sua cama e ao alcance das mãos para maltratá-las), não tratava Carlos com carinho ou paciência; tudo era questão de palmadas, cocorotes e beliscões, o que criou nele um ressentimento que o acompanhou até a vida adulta.

Por fim, a personagem Zefa Cajá, negra, empregada doméstica e prostituta, tem grande importância como participante das memórias da infância de Carlos. É a primeira mulher quem ele terá uma relação íntima, seu primeiro contato sexual. A partir deste momento, Carlos assume, perante a sociedade, sua masculinidade e sua vida de homem adulto. No entanto, com a prática do sexo que o personagem Carlos de Melo adquire uma doença sexualmente transmissível a “sífilis”. Por ser jovem, passa por momentos difíceis com a doença, mas é curado com remédios caseiros característicos da região do Nordeste (SILVA, 2019).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo discutiu a influência da cultura nordestina na infância, através da leitura da obra *Menino de Engenho*, do escritor paraibano José Lins do Rêgo. Abordou-se, inicialmente, a infância na literatura, e em seguida, o contraste entre os ambientes urbano e rural, encerrando o trabalho com reflexões acerca das relações sociais e interpessoais entre o protagonista, seus primos, os moleques do engenho, os moradores do engenho, a família na casa-grande e, principalmente, o seu avô, o Coronel.

A infância, “o estado de ser criança”, é muitas vezes definida em contraste com a idade adulta. Segundo Souza e Mendonça (2013), somente a partir do século XIII é que as

noções modernas de infância como uma fase da vida distinta da idade adulta começam a surgir. Essencialmente, os autores apontam que a infância como a compreendemos hoje é uma “invenção” moderadamente recente e pode ser vista no romance: Carlinhos descobre um mundo mágico no engenho; tudo ao seu redor é considerado brincadeira, desde as estruturas locais da casa grande até as plantações do pomar. Porém, como é preciso não esquecer, para os moleques do engenho essas mesmas estruturas eram também sinônimo de trabalho, o que de certa forma os tornava adultos prematuramente, embora também tivessem tempo para brincar. Na verdade, foram exatamente as relações entre trabalho e educação que foram moldando, da Idade Média à atualidade, o conceito de infância.

Logo, a cultura infantil inclui artefatos culturais infantis, mídia e literatura infantil, e os mitos e discursos em torno da noção de infância. A cultura infantil tem sido pesquisada dentro da academia em estudos culturais, estudos de mídia e departamentos de literatura. A abordagem interdisciplinar dos estudos da infância também poderia ser considerada no paradigma da teoria social no que diz respeito ao estudo da cultura infantil.

Nesse contexto, utiliza-se de todo esse arcabouço teórico- metodológico para analisar o livro *o Menino de Engenho* no intuito de entender, com o olhar do século XXI, algo da infância do menino Carlos, há quase cem anos atrás. Sob essa perspectiva, a narrativa adquire um sentido profundo, porque demonstra quem foram os artífices de seu presente como adulto, os principais personagens que fizeram diferença em sua vida. Do mesmo amálgama de recordações emergem os pais, a tragédia familiar, a figura protetora do avô, a nova família, as tias, os primos e primas, as negras e negros, os vários mestres e “mestres”, a Velha Totonha, Zefa Cajá. Do tom memorial e pedagógico do romance advém uma última lição: a vida não é somente a perda da inocência, mas aquisição de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **HISTÓRIA SOCIAL DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA**. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro: 1857 - 1945**. 2 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

FINCO, Daniela. FARIA, Ana Lucia Goulart. A pesquisa com crianças em infâncias e a Sociologia da Infância. In: **Sociologia da Infância no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. Ed. São Paulo: Global, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, v. 201, 2010.

JASMINE, Hatianny. **Sentidos de infância no romance memorialístico *Menino de Engenho* e no Brasil da Primeira República: literatura como fonte à história da infância**. 2020 Disponível em: <https://www.comunicata.ufpi.br/index.php/contraponto/article/>. Acesso em: 22 de abril. 2022.

MAIA, Janaina Nogueira. **Concepção de crianças, infância e educação dos professores de educação infantil**. Campo Grande, 2012.

MARQUES, Helton. **A infância no contexto da família patriarcal brasileira e sua representação em *Menino de Engenho*, de José Lins do Rêgo**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012. Disponível em: <https://www.repositorio.unesp.br/bitstream/handle>. Acesso em 09 de maio, 2022.

ORTEGA Y GASSET, José. **A desumanização da arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

RÊGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 104. ed. José Olympio Editor: Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Jonas. **Menino de Engenho: personagem, regionalismo e sexualidade**. Nov. 2019. TCC (Graduação) curso de letras inglês, Universidade Estadual da Paraíba. 2019 Disponível em: <https://www.dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream>. Acesso em: 2 de maio de 2022.

SOUZA, Alaim. & MENDONÇA, Geovana. **A literatura infantil e a infância em *Menino de Engenho***. Porto Alegre, v.9, p: 1-16, jan, 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article> Acesso em: 10 de abril de 2022.

SOUZA, Ticiane. **O cotidiano da casa-grande nos espaços do feminino: resistências e poder na sexualidade em *Menino de Engenho* e *Doidinho***. 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/4>. Acesso em: 20 abril, 2022.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por tudo que me concede.

Ao meu anjinho, que está com Deus. Que me fez entender, que por vezes as pessoas nos deixam de maneira precoce, pois quando você estava crescendo no meu ventre, tivemos que nos separarmos e hoje você é minha estrelinha.

A meu companheiro e marido José Ricardo pelas horas de fortalecimento nos momentos mais precisos.

Aos meus pais Maria do Socorro e José Edvaldo, por sempre terem me apoiado com todo o seu amor e carinho, e irmãos Monalize, Monalliza, Maria José, Paulo Emanuel, José Edvaldo Júnior e Mateus.

Não poderia deixar de mencionar minha sobrinha, Alice.

A minha amiga que fiz ao longo do curso, Gabriela Ferreira e todos meus colegas classe.

Agradeço a minha orientadora Dr^a. Rosângela Maria Soares de Queiroz pelo seu apoio, paciência e confiança em meu trabalho, pelos ensinamentos e direcionamento, além das incontáveis sugestões que serviram para o lapidar de minha pesquisa.

Por fim, meu presente de Deus que foi enviado no momento que mais precisava, meu querido filho, Ravi Lucas, estou contado os dias para ver seu rostinho, és minha luz e motivação diária. A todos, meu agradecimento.